

Discurso do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva

Abertura da 39ª Conferência Regional da FAO para a América Latina e o Caribe

Brasília, 4 de março de 2026

Não sei se vocês perceberam, nós estamos fazendo o encontro dos países da América Latina e do Caribe e, até agora, com exceção do Diretor-Geral da FAO, só falaram brasileiros.

Então, eu não estava nem pensando em ler o meu discurso aqui para chamar a atenção de vocês para uma coisa muito séria: que nós pegássemos o dinheiro que foi gasto no ano passado em armamentos, em conflitos, o equivalente a 2 trilhões e 700 bilhões de dólares, e dividíssemos entre os 630 milhões de seres humanos que no planeta passam fome, daria para a gente ter distribuído 4.285 para cada pessoa. Vocês percebem que não precisaria haver fome no mundo se houvesse bom senso por parte dos governantes do mundo.

Por isso, eu quero começar a minha fala fazendo um apelo aos nossos presidentes responsáveis pelo Conselho de Segurança como membros permanentes da ONU. São cinco: França, Inglaterra, Rússia, China e Estados Unidos. Se esses senhores que coordenam o Conselho de Segurança como membros permanentes da ONU se preocupassem com essa questão da fome neste instante e, ao invés de ficarem discutindo, como agora está se discutindo na Europa, o fortalecimento do armamento dos países, investimento na defesa — porque está todo mundo pensando que vão se agravar os conflitos e todo mundo quer mais armas, todo mundo quer mais bomba atômica, todo mundo quer mais drone, todo mundo quer aviões de caça cada vez mais caros —

E tudo isso não é feito para construir ou para produzir alimento. Isso é feito para destruir e para diminuir a produção de alimentos ou destruir aquilo que já está plantado. Seria apenas uma reflexão de bom senso se houvesse a convocação. São apenas cinco pessoas que poderiam fazer uma teleconferência. Não precisaria ninguém correr risco, ninguém ser atacado por drone à noite, ninguém ser vítima de mísseis. Poderia ser feita uma teleconferência para uma discussão muito clara sobre se o que vai resolver o problema da humanidade é mais guerra ou mais paz, se é a construção e a produção de mais armas cada vez mais sofisticadas e cada vez mais caras ou o aumento da produção, da distribuição e da renda do povo para que a gente pudesse ter a alimentação necessária.

Eu acho que é isso que tem que sair de uma mensagem, de uma conferência que envolve a América Latina, que é uma parte do mundo rica, que tem praticamente tudo aquilo que a natureza ofereceu a todos os seres humanos e que muitas vezes é explorada por pessoas que não são daqui para produzir parte das armas que destroem aquilo que já foi construído. Eu quero dizer para vocês que eu fico muito sensibilizado, emocionado, ao saber que a fome mexe muito pouco com o coração dos governantes do mundo; mexe com muitos seres humanos individualmente, mexe com ONGs, mexe com igrejas, mas não sensibiliza muito o coração dos governantes, porque as pessoas que passam fome, na maioria dos países do mundo, são tratadas como se fossem invisíveis. As pessoas não as querem enxergar.

Se vocês não acreditam no que eu estou falando, quando forem discutir o orçamento dos países a que vocês pertencem, vejam quanto é destinado para combater a fome e a pobreza, porque para isso nunca há dinheiro. Porque os famintos não protestam, não estão organizados em sindicatos, estão muitas vezes longe do centro de poder, não conseguem nem fazer passeata, não conseguem fazer protesto, então as pessoas não se preocupam. É justo que, no primeiro quarto do século XXI, a gente esteja discutindo coisas que, em 1946, um brasileiro, Josué de Castro, já colocava como um dos mais graves problemas da humanidade?

Não é por excesso de chuva, nem por falta de chuva. Não é por excesso de sol ou por falta de sol, é por excesso de irresponsabilidade. É por excesso de falta de compromisso que a gente não consegue exterminar a fome do planeta Terra, que já tem conhecimento genético, já tem conhecimento tecnológico, já produz mais alimento do que nós deveríamos consumir, e esse alimento não chega à casa das pessoas. Porque as pessoas não têm dinheiro e não têm dinheiro porque há muita concentração de renda.

Enquanto isso, as pessoas importantes do planeta, que deveriam estar preocupadas com a fome, estão preocupadas com guerra. Cuba não está passando fome porque não sabe produzir. Cuba não está passando fome porque não sabe construir a sua energia. Cuba está passando fome porque não querem que Cuba tenha acesso às coisas a que todo mundo deveria ter direito. Mas vamos supor que não se cuide de Cuba por uma perseguição ideológica. Então não vamos ajudar Cuba porque Cuba é um país comunista. Ajudem o Haiti, que está dilacerado, que passa tanta ou mais fome do que Cuba e que está sendo dominado por gangues.

Tem tanta gente para ser ajudada que está esperando um gesto desse crescimento econômico de todos os países, dessa concentração de riquezas. Algumas empresas de plataforma conseguem ganhar mais dinheiro por ano do que o PIB de muitos países. Esse dinheiro é concentrado na mão de poucos. Quando é que a gente vai resolver isso?

A gente não pode tratar a questão da fome como se fosse uma questão de ONGs, como se fosse assim: “Se sobrar, tem; se não sobrar, não tem.” Tem que ser tratada como uma questão de prioridade. Prioridade zero. É um direito sagrado. Todo mundo tem que tomar café, almoçar e jantar todos os dias.

E eu acho que não existem outras coisas para a gente fazer, a não ser gritar ou dar exemplo. E aqui eu quero elogiar o meu companheiro José Graziano, que ajudou a criar o programa Fome Zero, porque a gente só vai acabar com a fome quando houver determinação política, quando tirar um pouquinho de cada área do governo — tira um pouquinho do Itamaraty, tira um pouquinho das Forças Armadas, tira um pouquinho disso — e colocar um “poucão” para os pobres, mudar inclusive o conceito de economia, começar a ensinar novas coisas para os economistas nas universidades.

Aliás, hoje não tem nem mais economista. Eu estou vendo na televisão representantes do mercado ou dos fundos, que nem falam o nome do fundo, falam “o fundo”. É como algum jornalista aqui no Brasil que não se preocupa mais com a verdade. Ele fala: “Segundo a fonte, segundo alguém próximo ao presidente, segundo alguém próximo a não sei quem que estava próximo”, e vai contando história.

Então eu vejo uma coisa, companheiros: o Brasil deu exemplo duas vezes. É possível acabar com a fome. É possível garantir que todo mundo tenha direito a tomar café, almoçar e jantar todos os dias. É plenamente possível. Nós terminamos com a fome pela primeira vez em 2014, ainda no mandato da presidenta Dilma. E quando eu voltei à Presidência, em 2023, já havia 33 milhões de pessoas em situação de fome outra vez. Em dois anos e meio, a FAO reconheceu outra vez que nós acabamos com a fome.

Não é incentivar a chamada agricultura de subsistência. Isso é coisa do feudalismo. Ninguém quer produzir só para comer. É preciso ensinar as pessoas que elas podem produzir e ganhar dinheiro produzindo. Podem produzir em quantidade e com qualidade. Não é plantar mandioquinha só para comer, plantar milhozinho só para comer. Não. Planta para comer e planta para vender. E o papel do Estado é criar política de crédito para financiar. Por que os grandes têm tanto financiamento e a gente não pode dar financiamento para os pequenos? É apenas uma decisão.

Companheiros e companheiras, ministros e ministras, embaixadores e embaixadoras, representantes da minha querida América Latina, não é justo que, depois de 525 anos ou 533 anos desde que fomos descobertos, a gente ainda viva como uma das regiões mais pobres e mais injustas do planeta Terra. Quando tinha ouro, levaram o nosso ouro. Quando tinha prata, levaram a nossa prata. Levaram o nosso suor com salário muito barato durante muito tempo. Quando é que nós vamos acordar para dizer que não queremos submissão? Nós não queremos nada de favor, queremos, de forma

soberana, dar alimentação ao nosso povo, e qualquer país da América Latina e do Caribe pode dar alimentação ao seu povo.

Nós somos a única zona de paz do mundo. A única zona de paz no planeta Terra somos nós. Aqui no Brasil nós temos a opção de não possuir armas nucleares na nossa Constituição, porque há muito tempo chegamos à conclusão de que aquele ditado — “quem quer paz se prepara para a guerra” — é para quem quer fazer guerra. Nós queremos paz porque a paz é a única possibilidade de fazer com que a humanidade avance.

Compensou destruir Gaza, matando mulheres e crianças, para agora aparecerem com pompa criando um conselho para dizer: “Vamos reconstruir casas”? Aí aparecem como se fosse um retoque para melhorar, para passar um verniz sobre o lugar onde estão os cadáveres das mulheres e das crianças que morreram. E muitas vezes a gente fica impassível. E, se a gente não gritar, se a gente não falar, se a gente não se mexer, nada acontece.

Então, meus amigos e minhas amigas, eu queria que vocês refletissem junto ao governo de vocês. A fome não existe por causa de intempéries, não é porque há excesso de frio ou excesso de calor. A fome só existe porque existe uma coisa chamada excesso de irresponsabilidade naqueles que são eleitos para ter responsabilidade. E, se o Brasil conseguiu acabar com a fome duas vezes, o mundo pode acabar com a fome também. Por mais pobre que seja o país, pegue um pouquinho do seu orçamento e dedique.

E eu faço uma conta — os economistas que estão aqui me desmintam depois. Imaginem que este auditório é uma cidade, um país chamado Auditório do Itamaraty. Nesse país moram 300 pessoas e o orçamento é de 1 milhão de reais. Se eu destinar esse milhão para uma pessoa, para a dona Janja, que foi agora agraciada com o título de Champions — veja que eu já aprendi a falar em inglês —, ninguém pode dizer que eu não sou um poliglota.

Se eu pego 1 milhão de reais e dou só para a dona Janja, o que vai acontecer? Ela vai ao primeiro banco que encontrar, vai depositar o dinheiro e vai viver de juros. Ou seja, você fez apenas um benefício para uma pessoa.

Agora imaginem se você pega esse 1 milhão e distribui 3.333 para cada um dos 300 habitantes. O que iria acontecer? Todo mundo iria procurar um bar, uma padaria, uma loja, uma peixaria. O dinheiro circularia. Você distribuiria de forma mais justa e todos usufruiriam do orçamento.

Seria muito simples se a gente não estivesse subordinado às orientações do FMI, se não estivesse subordinado às ações do mercado, que começa o dia 1º de janeiro

preocupado com déficit fiscal e termina 31 de dezembro preocupado com déficit fiscal. Para eles não existe pobre, não existe problema. Vamos jogar nas costas do povo pobre, ele que paga o preço.

Aqui no Brasil nós ainda temos muitos problemas. Quando vocês veem o documentário que mostramos aqui, quando ouvem os discursos, é só parte da verdade. A verdade é que há muito problema ainda e que vai levar décadas para resolver, mas, se a gente não começar, nunca resolve.

Por isso, eu quero terminar agradecendo o papel extraordinário que a FAO ainda tem como instituição da ONU, porque a ONU está ficando desacreditada.

A ONU não está cumprindo aquilo que está escrito na sua carta de criação de 1945. Está cedendo ao fatalismo dos senhores da guerra e não há espaço para os senhores da paz.

Por que a ONU ainda não convocou uma conferência mundial para discutir esses conflitos? Por que a guerra entre Rússia e Ucrânia já dura quatro anos quando todo mundo já sabe qual será o desfecho?

A questão da fome está ligada a isso. Está ligada ao fato de que os pobres do mundo são invisíveis ao olhar das máquinas burocráticas e dos chefes de Estado. Enquanto a gente não torná-los visíveis, vamos continuar brigando, lutando e gritando.

Muito obrigado e parabéns, companheiros.